

**Religiosidade do universitário:
Comentários dos sujeitos e aplicação didática**

Religiosity of the academic:
comments by the subjects and didactic application

Jorge Cláudio Ribeiro *

Recebido: 06/02/19
Aprovado: 30/05/19

Resumo

O presente texto acrescenta resultados recentes fornecidos por pesquisa sobre a religiosidade (*capacidade humana, história e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para a totalidade da existência*) tal como é vivenciada por universitários da PUC-SP. Os dados fornecidos pelas duas últimas versões (3 e 4) do questionário quantitativo/qualitativo da pesquisa completam as versões iniciais. Dessa forma, o presente texto analisa: A- os comentários livres, redigidos ao final do questionário; B- a experiência didática envolvendo *objetos poderosos* e os significados que lhes são atribuídos pelos sujeitos, e que os tornam retratos da religiosidade jovem.

Palavras-chave: religiosidade, juventude, universidade, religiões, modernidade.

Abstract

The present text adds recent results provided by a research on religiousness (understood as *human capacity, historically and culturally determined, to elaborate meanings for the totality of existence*) as it is experienced by undergraduates at PUC-SP. The data provided by the last two versions (3 and 4) of the quantitative / qualitative research questionnaire complete the initial versions. Consequently, this text analyses: A- the free comments written at the end of the questionnaire; B- the didactic experience involving *powerful objects* and the meanings attributed to them by the subjects, which make them portraits of the young religiousness.

Keywords: religiousness, youth, university, religions, modernity.

Introdução: A pesquisa.

Para realizar a tarefa crucial de produzir significados para sua existência, os jovens utilizam materiais que estão presentes na trajetória de cada indivíduo e das sociedades.

* Jorge Claudio Ribeiro é livre-docente em ciência da religião pela PUC-SP e professor nessa mesma universidade.

Dentre esses, destacam-se a cultura mundializada, as condições econômico-sociais, as ocorrências históricas, o momento político, a formação recebida e os fatos cotidianos. Esses materiais são a matéria prima dos modos de compreensão do mundo e de inserção nele. No caso dos universitários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o foco foi a maneira como as relações com a sociedade interagem com a experiência religiosa própria desse segmento da juventude.

Daí resultou a pesquisa *Perfil da religiosidade do universitário – um estudo de caso na PUC-SP*, que lidero desde 1997 e para a qual contei com a decisiva colaboração de professores do Departamento de Ciência da Religião dessa universidade, dos estudantes e de agências de fomento (CNPq, Capes e Fundação Fulbright). A assessoria em Estatística esteve a cargo da colega Prof^a Yara G. Castro.

Como base teórica da investigação, foi escolhido o conceito de religiosidade, que definimos como *uma capacidade humana, história e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para a totalidade da existência*. Esse conceito nutriu-se, sobretudo, das contribuições de Georg Simmel (1858-1918), filósofo/sociólogo clássico com importantes contribuições sobre a religião. Foi ele um dos primeiros a explicitar a distinção entre a religiosidade – enquanto dimensão mental e psíquica – e as religiões, que são a materialização daquela (SIMMEL, 2010-1, *passim*).

Da maturação dessas ideias resultou um questionário, aplicado a partir do ano 2000 em quatro versões quadrienais, até 2012. O questionário foi dividido em três partes: vinte questões fechadas (dados pessoais e acadêmicos; capital cultural; renda familiar; posição política; origem, situação atual e prática religiosa; questões mais importantes; atividades prediletas; grupos de que se participa); trinta e nove frases ponderadas sobre valores e experiência religiosa dos sujeitos (com pesos de 1 a 6); quatro questões abertas (fato mais marcante na vida e na vivência religiosa; o que mais admira e o que mais critica nas religiões; comentário livre). O instrumento de coleta se aperfeiçoou paulatinamente e a interpretação dos resultados tornou-se mais compreensiva. Todo o processo recebeu volumosa colaboração de respondentes, que totalizou quatro mil pessoas, cifra que confere solidez aos resultados. O livro *Religiosidade jovem – pesquisa entre universitários* apresenta o conhecimento acumulado pela pesquisa.

Nas versões 1, 2 e 3 do questionário, a seleção dos sujeitos obedeceu aos seguintes critérios: alunos do primeiro ano de graduação; sorteio de 25% dos homens e das mulheres

feito a partir das listas de chamada; integrantes de todos os cursos; adesão voluntária dos sorteados, respeitado seu anonimato. O perfil dos sujeitos e o método de aplicação foram detalhados na obra mencionada (RIBEIRO, 2009, p. 137-170). Diferentemente das três versões anteriores, impressas em papel, a Versão 4 foi virtual e apresentada por e-mail a todos os estudantes daquela universidade, tanto graduandos como pós-graduandos, que quisessem responder.

Os resultados dessas versões acerca dos dois aspectos mencionados serão analisados a seguir.

1. Comentários livres.

Na parte final de cada versão do questionário, foi reservado um espaço para que os sujeitos se manifestassem livremente e caso o desejassem. O convite foi aceito por muitos, o que permitiu perceber traços da religiosidade a partir – daí sua relevância – da fala dos próprios jovens. Segue-se uma análise dessas manifestações.

Versões 1 e 2.

No próprio ato de responderem ao questionário, muitos universitários admitiram experimentar uma sensação de *misteriosidade* que reconhecem em suas existências. Também expressaram reflexões íntimas sobre as próprias crenças.

Vários sujeitos reconhecem-se impotentes ante um mistério que não cabe em palavras e para o qual, em sua avaliação, nosso questionário aponta. Entretanto, mesmo que o apelo ao transcendente não lhes ofereça resposta cabal para suas indagações, elas e eles não aceitam que a vida se reduza à simples materialidade. Uma experiência ocasional de desamparo lhes abre caminho para nova abordagem de um lado espiritual que há muito vinham negando.

Esses tateamentos navegam na subjetividade moderna, a qual é atravessada pela tarefa inalienável de cada indivíduo: cultivar as próprias energias – dentre elas, a religiosidade. O ambiente preferido em que ocorre esse cultivo são diversos tipos de relacionamento, por exemplo *conversas que duram horas*. Nessas ocasiões se sente que foi ativado um nervo pulsante, apesar das dúvidas e contradições.

Entretanto, alguns sujeitos suspeitam que algo essencial lhes foi sonegado, em algum momento de suas vidas. Essa sonegação ocorreu em três âmbitos: primeiro, a

cultura secularizada – que nega a fé como algo que interfere positivamente na vida cotidiana; segundo, a instituição religiosa – que não acompanha as transformações do mundo e, portanto, os deixa sem respostas; terceiro, a Academia, cujo racionalismo não reconhece densidade à religiosidade nem abre espaço para discuti-la.

Pode ser considerado um indício sólido da pertinência de nossa pesquisa o fato de que o preenchimento do questionário foi apontado como uma ocasião para refletir sobre uma dimensão que deriva da condição humana e que até aquele momento estava restrita ao nível individual. Romper com o solipsismo representou um momento de solidez no itinerário dos jovens, hesitante por princípio. Assim, vários admitiram que responder ao questionário lhes trouxe certo alívio. Como atesta uma aluna: *Já fiz essas questões a mim mesma e cheguei a pensar que fosse paranoia minha.*

Daí a frequente manifestação de interesse em conhecer o resultado da pesquisa. Entretanto, uma vez que as respostas foram anônimas, posteriormente se tentou atender a essa demanda através da publicação posterior da obra já mencionada e da produção do portal *Teologia e Ciências da Religião – Processos Educacionais* (http://www4.pucsp.br/creduca/religiosidade/artigos_textos.html).

Versões 3 e 4.

Complementando as observações acima, procedeu-se à sistematização de 300 comentários que ocuparam 42 páginas nas versões 3 e 4. Esse material apresenta um teor, sobretudo, qualitativo e, portanto, contribui para uma interpretação mais aprofundada. Foram agrupadas cinco características marcantes na religiosidade de nossos universitários:

- **Modernidade.** Essa característica se explicita em dois âmbitos: 1. A distinção entre a religiosidade, ou espiritualidade, (aqui esses termos se aproximam) *versus* a instituição religiosa; 2. A prioridade conferida ao contato direto com Deus através da oração ou da meditação – em síntese, em *seguir o próprio coração.*

O ambiente da modernidade em que nossos jovens foram criados e vivem leva-os a criticar o ritualismo religioso e a valorizar a ética. Não obstante a valorização do bom senso e da razão típica da tradição universitária, há espaço para a crença, que se traduz como um tipo de energia oriunda da natureza e voltada para a busca da sabedoria e compreensão do universo. Paralelamente, os universitários questionam com naturalidade a própria fé e até se autorizam a duvidar dela.

Essas tendências levam os sujeitos a defender a tolerância e a convivência entre religiões. Algumas avaliações parecem derivar de uma vulgata acadêmica: a crença em Deus é considerada uma forma de apoio psicológico; as religiões produzem *doenças éticas* como alienação, culpabilização, fanatismo, dogmatismo, intimidação e o espírito capitalista.

Com frequência é feita a distinção secularizante entre a religião e as demais esferas das sociedades. Defende-se que a classe proletária deveria se interessar mais pela política do que por religião. Posto que vivemos num país desigual, as Igrejas deveriam apresentar propostas abrangentes para a sociedade envolvendo educação, habitação, trabalho e demais direitos sociais. Acolhendo recentes contribuições feministas, defendem que as mulheres exerçam função sacerdotal em todas as religiões.

- **Autonomia.** Nossos sujeitos revelam intensa autonomia com relação a um núcleo de significado que agrega Deus, crenças e religiões. Cada pessoa possui uma verdade interna, que deve ser respeitada. São considerados básicos alguns valores como: aproveitar ao máximo o dom da vida, não prejudicar ninguém e ajudar o próximo o máximo possível. É considerado importante desenvolver a paz interior e uma fé que comprometa o exercício da liberdade. Só na liberdade o contato direto com Deus pode alcançar a plenitude.

Para alguns sujeitos, as Religiões não esgotam toda a verdade; entretanto, concede-se que elas são capazes de criar princípios válidos, conceitos éticos. Portanto, mesmo aderindo a uma religião e participando de grupos devotos, alguns sujeitos não concordam com a totalidade de suas doutrinas. Vários comentários observam que, viciosamente, as concepções ocidentais tendem a depositar tudo de bom em Deus e tudo de ruim no humano.

Desse modo, a religião apresenta importância relativa e pode até tornar-se desnecessária à medida que o indivíduo desenvolve as seguintes capacidades: elaborar um significado (íntimo) para sua vida real; buscar a própria felicidade; contribuir para a felicidade alheia. O que orienta os atos de cada um são a educação e os valores morais que se recebeu.

Não obstante o anseio por autonomia, alguns respondentes admitem que as religiões, em função do teor sentimental, exercem um efeito placebo em situações de crise e desespero, o que eventualmente os motiva ao engajamento religioso. No entanto, para acompanhar o ritmo desenfreado das mudanças nas sociedades contemporâneas, os sujeitos

consideram que as religiões *precisam se contorcer* para incorporar opiniões e visões veiculadas num ambiente plural e secular.

Criação humana, as Igrejas concretas são objeto de um criticismo explícito. São acusadas de terem-se tornado empresas, de não cessarem de pedir dinheiro, para o qual criaram um sistema de comunicação poderoso e invasivo. Muitos sujeitos admitem ter medo de líderes religiosos e aversão àqueles que exercem controle, coerção e manipulação dos fiéis, segundo a lógica do dogmatismo e do fundamentalismo. Nas mãos desses líderes, os ensinamentos se tornam *uma prisão total* cujas grades são os erros derivados da interpretação literal da Bíblia e demais textos sagrados.

O trabalho social das Igrejas situa-se aquém do desejável, pois elas se concentram em restritas questões sexuais e comportamentais. Empenhadas em arrebanhar novos fiéis a qualquer custo, algumas Igrejas fomentam a guerra religiosa a um nível inédito e assustador de extremismo. Por isso, muitos comentários insistem no diálogo entre as religiões e defendem mais contemporaneidade para o catolicismo.

- **Religião.** Muitas respostas abriram espaço para declarações convictas das próprias crenças e práticas religiosas. Por exemplo: *Acredito em reencarnação, já tive provas.* Vários sujeitos manifestam entusiasmo pela própria igreja, sentem que ela conduz a Deus, que pode dar sentido para suas vidas. Alguns se definem como estando sempre à procura da Verdade, mas é na religião que encontram conforto. Por isso, defendem maior presença da religião – católica, no caso – no dia-a-dia desta universidade e sugerem que seja estimulada a formação de grupos de oração. Houve quem proclamasse que apenas o Cristianismo é verdadeiro.

Entretanto, foi frequente encontrar nas avaliações um grão de sal, característico do jovem universitário. Mesmo quem avalia a fé como um sentimento saudável, ressalta a necessidade de ser acompanhada de uma visão crítica. Daí que seguir uma religião é considerado bom, mas seu eventual dogmatismo e o fanatismo é prejudicial, alienante. Elogia-se a própria igreja, desde que não pratique comércio. Afirma-se que as religiões deveriam ser usadas de forma sensata e inteligente, condição necessária para o discernimento dos valores e para a moralidade nas condutas. Vários aderem a uma religião, mas não levantam bandeira por sua causa, afirmando que ela não é a única verdadeira, ou dona da verdade.

Portanto, alguns sujeitos manifestam interesse por todas as religiões e filosofias, e desejam que a universidade propicie esse conhecimento amplo. Vários deploram ter presenciado no campus manifestações que apontam como preconceituosas contra o catolicismo e as afro-brasileiras. Com frequência, ocorre o trânsito religioso, até que o indivíduo se estabilize na crença atual. Em nome da diversidade, há quem respeite a fé alheia, mas defenda o direito de não acreditar: *Estou mais para existencialista ateu.*

Outros se contentam com a experiência da espiritualidade ou com uma relação pessoal sem mediações com Deus. Tal processo é interpretado como uma forma de descoberta ou maturação ao longo da vida: *Quando isso ocorre, o milagre se faz.*

- **Subjetividade.** As vivências subjetivas são fundamentais em qualquer idade sendo cruciais na juventude, dado o ineditismo ou caráter inaugural dessa fase. Alguns sujeitos reconhecem estar num momento feliz, outros experimentam intensa sensibilidade *espiritual*, que pode até somatizar-se na forma de tremores e tonturas. Há quem procure resposta para os enigmas da vida através da caridade, da energia, do pensamento positivo, no investimento na qualidade dos pensamentos e no cultivo de bons hábitos e na oração. Não obstante, o excesso de busca mediante a luz da razão corre o risco de cegar: alguns se sentem cansados por não obterem respostas cristalinas.

Nesse quadro, uma das vivências mais profundas é a fé, definida como adesão aos próprios ideais e superação das dificuldades; motivação para transformações radicais (*revolução interna*). A fé é também sinônimo de relação amorosa com *um ser único, magnífico*; provoca proteção, alegria profunda e ligação com a vida; transcende concepções intelectuais e mesmo sentimentos, pois se apoia no bem e no amor.

Alguns sujeitos mantêm distância da questão da existência ou não de Deus, estando mais atentos ao mistério da vida e da morte. Foram referidas vagas experiências de *atração energética* ou de *sincronicidade inesperada*, carregadas de *absurdo valor emocional*, *fugindo absolutamente a qualquer razão estatística.*

Afinada à religiosidade, a fé enquanto atitude de entrega (a si mesmo, ao outro, ao mistério) é o fundamento da religião, que num momento seguinte pode formalizar-se, ou não, como doutrina. Alguns admitem recorrer à fé em momentos de fragilidade e de falta de perspectiva. Entretanto, a religião não consegue abarcar todos os valores e crenças de nossos sujeitos. Durante o tempo em que uma respondente frequentou intensamente a

própria igreja, sentia-se abatida e com baixa autoestima, a ponto de tentar suicídio sete vezes. Enfim, ela optou por afastar-se e passou a se engajar em lutas e movimentos sociais.

Nesse quadro, um valor central dos sujeitos é cada um ser responsável pela própria vida.

- **Reações.** Mesmo sem ter sido solicitada uma avaliação sobre a pesquisa, as reações livres, presentes nos comentários, foram muito positivas. Repetindo manifestações presentes nas duas versões iniciais, nas versões seguintes numerosos sujeitos atestaram ter gostado da pesquisa, acharam-na *interessante*, parabenizaram seus proponentes. Para eles, participar foi uma oportunidade de explicitar valores que já cultivavam (a simplicidade, por exemplo), mas sobre os quais raramente refletiam. Esses respondentes admitiram que se surpreenderam ante a proposta do questionário, mais ampla do que esperavam, pois, as perguntas não direcionavam as respostas.

Mais indícios de aprovação foram observados. Primeiro, vários respondentes solicitaram ser informados sobre os resultados (vale a menção feita acima). Também os sujeitos se dispuseram espontaneamente a *abrir sua alma*, explicitando suas opiniões, convicções e crenças. Muitos manifestam o desejo de que reação igual tivesse ocorrido com seus colegas. Destaque para um simpático voto destinado aos pesquisadores: *Jesus é maravilhoso!! Oro para que Ele use esta pesquisa para tocar a vida de vocês.*

Seguindo a chave *moderna*, os sujeitos esperam que a pesquisa coloque em xeque a ética dos estudantes e ajude a promover a tolerância, o respeito e a abertura ao diálogo. Atribuindo uma abrangência talvez utópica, alguns desejam que a pesquisa contribua na redução do preconceito acadêmico contra os religiosos e fazem votos de que esse instrumento contribua para uma sociedade mais igualitária, humana e solidária.

No lado oposto, embora em menor número, houve quem considerasse o questionário como pouco importante, pois a universidade deve adotar o ensino laico. Alguns qualificaram a pesquisa como *chata*, *idiota* e *tendenciosa* por direcionar as respostas segundo aquilo que consideravam as convicções dos proponentes.

2. «Objetos poderosos», novo retrato da religiosidade jovem.

O experimento pedagógico envolvendo *objetos poderosos* e sustentado pelos resultados presentes na obra mencionada (RIBEIRO, 2009, p. 244-255) traz à tona novas

características do perfil da religiosidade dos jovens. A análise abaixo agrega os resultados obtidos nas quatro aplicações do questionário.

Versões 1 e 2.

Os estudantes foram convidados a levar para a classe objetos que eles considerassem portadores de poder, apresentaram-nos aos colegas e explicitaram suas vivências e significados desse material. Foram trazidas dezenas de itens de variados tipos, acerca dos quais se fez uma partilha, o que deu ensejo a uma reflexão particularmente fecunda. Mas o que tornava poderosos tais objetos, qual seu significado para cada um? Primeiro, esses itens ancoravam relações interpessoais, inicialmente familiares; além disso, representavam a expansão do indivíduo em direção a âmbitos mais amplos da existência (amigos, amores, sociedade). O poder conferido a esses materiais se apoiava numa experiência pessoal e seu uso provocou os efeitos pretendidos.

Constatei que os significados e rituais que os alunos associavam a seus itens não tinham, necessariamente, origem religiosa estrita, e com frequência provinham de ambientes profanos. Foi produzida uma bricolagem generalizada pela qual determinada turma trazia objetos oriundos de religiões que são diferentes da sua religião de origem, o que sinaliza que essas coisas se referiam menos a crenças formais e mais a experiências de energia e proteção. Ao redor desses artefatos se consolidavam marcos de experiência/memória subjetiva que explicitam mitos referentes à origem e à trajetória de cada pessoa.

Subjacentes aos objetos simbólicos e aos rituais do cotidiano e conferindo-lhes coerência, tais mitos foram moldados no aqui-agora, no passado individual e na dinâmica da geração a que os alunos pertencem. Ao longo do experimento pedagógico, os relatos mais significativos confluíam para uma formulação fundamental, usada com frequência, semelhante a uma oração: *Sou amado; pertenço; sou aceito como sou*. Desse modo, os acontecimentos, roupas ou adereços apresentados – fossem religiosos, fossem *profanos* – se revestiam de uma sacralidade que envolve pessoas próximas, com quem são permutados afetos.

Por que os jovens têm confiança nesses materiais? Esse sentimento não deriva necessariamente da materialidade ou marca religiosa dos objetos, mas das vivências que suscitam em cada um, propiciando-lhe um acréscimo de energia e um reforço na confiança (em si, no outro, na existência, no ser divino). Nos atuais tempos de insegurança, nossos

sujeitos atribuem a esses objetos o poder de dar proteção, evitar doenças, trazer sorte e *afastar mau olhado*. Aqui nos situamos no plano mais profundo da religiosidade. Esta é vivenciada como bem-estar, harmonia, gratuidade, alteridade; é mais experiencial (*enquanto essas coisas fizerem sentido para mim, continuarei a usá-las*) do que conceitual (*não sei por que uso isso; não sei a origem dessas coisas*).

A característica mais comum, portanto, é sobretudo pragmática, mais que doutrinária. Com razão, Max Weber observa que *os bens de salvação propostos por todas as religiões, primitivas ou cultivadas, proféticas ou não, se referem pesadamente a este mundo: saúde, longa vida, riqueza* (HERVIEU-LÉGER et WILLAIME, 2001, p. 70-71).

Versões 3 e 4: novos dados.

Com base nas análises e intuições sugeridas pelas duas primeiras aplicações do questionário foi introduzida, nas versões 3 e 4, uma questão aberta sobre os objetos que cada jovem considera portadores de algum tipo de poder, e – em caso positivo – que significado teriam para ele.

A profusão e a variedade das respostas apontam para uma realidade complexa. Para ter uma visão mais clara dessa complexidade, os *objetos* foram divididos em duas categorias cuja distinção é pouco nítida, na prática. Por isso, um escapulário, por exemplo, é usado apenas como adorno; um relógio remete a uma pessoa queridíssima, apontada como sagrada. O material listado a seguir foi obtido nas versões mais recentes do questionário:

- *formalmente religiosos*: Deus e seus 72 nomes, Bíblia, fé, símbolo *om*, guias, terços, escapulário (católico e do candomblé), crucifixo, estátuas/ imagens/ moedas (de Nossa Senhora, de Jesus e de santos católicos; de deuses do candomblé e do hinduísmo; árvore sefirótica), cruz/crucifixo, *Khanda sik*, livro de rezas e doutrina, medalhas, terço, amuleto japonês, patuá, meditação (livro, objeto indutor), incenso, muiraquitã, pentagrama, estrela de Davi, túnica de acólita, capela (oratório, *peji*), vela, água ou rosa benta, *tyilin* judaico, medalha *Ohikari* da Igreja Messiânica, terço budista (*japamala* e *odyuzu*), estátua de Ísis, martelo de Thor.

- *profanos*: eu mesmo, meu corpo (cabeça, cerebelo), minha mente (educação, inteligência emocional, personalidade, capacidade de argumentar, mediunidade, coragem, ânimo), meus passos, meu pai, palavra (capacidade linguística), determinados livros e/ou revistas em quadrinhos, natureza (floresta, mar, punhado de terra da fazenda), água, água

do poço de Avalon, sal grosso, armas (faca, revólver), cinema, futebol (ir ao estádio, camisa do time, roupas que influenciaram no resultado), conchinha, tatuagem, joias (colares, anéis, aliança de compromisso, tornozeleira, pulseira), cinto, véu, moeda boliviana, fusca azul, travesseiro, filtro dos sonhos, bichos de pelúcia, computador, *Kindle*, calculadora HP, jogos eletrônicos, raio laser, chave, cartas, tickets, pedras, olho grego, dinheiro, fotos, violão, guitarra, atabaques, rádio, CDs, apito, baú de guardados, *oroboro*, lembranças, trevo de quatro folhas, objetos bizarros, caroço de azeitona, flores de maracujá, cogumelos, borboleta, pata de coelho, fada de metal, pôster com um relâmpago, lapiseira, relógio, cinzeiro.

3. Características.

Os comentários de nossos jovens acerca de seus objetos poderosos manifestam importantes características da religiosidade própria dessa fase:

- **Significados** atribuídos às coisas referidas naturalmente se revestem das circunstâncias vividas por quem as possui. É relatado, sobretudo, o poder de proteger: para obter esse efeito, alguns católicos mencionam escapulários de sua religião e mesmo um escapulário de Oxum. Uma aluna afro-brasileira se refere a seus colares, através dos quais conversa com seus guias espirituais: *São minha proteção, segurança e demonstração do meu amor, zelo, carinho e respeito, por aqueles que me escolheram e me acompanharam desde meu nascimento*. Nesse contexto, provoca pouca surpresa o testemunho de uma evangélica: *Meu objeto poderoso é uma faca. Significa cuidado e vigilância permanente. Posso usá-la no caso de invasão de ladrão ou de perigo para meus filhos*. Também foi referido o poder de provocar sensação de conforto, de aproximação das crenças e de Deus, de suscitar o amor de pessoas próximas, de trazer sorte, de realizar cura e de mobilizar lembranças. Por exemplo: *Em meu aniversário de quinze anos, recebi um colar de pérolas de uma avó, já falecida, e um anel de diamante da outra avó e que lhe fora dado por meu avô*.

São numerosos os depoimentos em que objetos se tornaram preciosos, sobretudo porque seus donos os ganharam de parentes ou amigos. Um aluno judeu menciona seu livro de rezas, recebido de um avô, falecido. Na síntese de uma aluna que professa uma crença particular: *Tenho uma moeda de um santinho que para mim não teria importância*

se não tivesse sido dada por meus pais, comprada na Itália e nela eles depositaram muito amor e fé.

- **Subjetividade:** os depoimentos apresentam espontaneamente reflexões sobre a relação entre os objetos e seu poder. Muitos afirmam que *o poder está em mim*, reforça o que é interior a nós, situa-se em minha cabeça ou cerebelo. Uma aluna de religião afro-brasileira explicita sua relação com a cabeça: *Cuido dela para que seja sempre boa e para que diante dificuldades da vida ela encare da melhor forma, aprendendo sempre. Não sei muito se ela representa nossa alma, mas enfim, é isso que realmente poder para mim.*

A par da autorreferência, o amuleto é considerado necessário na medida em que, *sem excessos, é um facilitador da experiência da fé e ajuda a fazer meditação.* Assim, se considera que, embora todos os objetos potencialmente possuam poder, não o têm por si mesmos, mas dependem de sua atribuição pelo sujeito, da ocasião e do ambiente propício a sua elaboração. Conforme mencionado, a fé de cada um é um forte atribuidor de poder, e até sinônimo dele. Portanto, precedendo o objeto, está a fé: *A fé é que possui muito significado para mim, pois sem ela é impossível crer em Deus ou de nada adiantam esses objetos se a fé não está dentro de nós.* Essa consciência é tão importante que alguns chegam a dispensar qualquer suporte material: *O objeto tem o poder que você dá para ele, eu não tenho nenhum; creio que Deus está dentro de mim, não em objetos materiais.*

- **Interpessoalidade:** a subjetividade não é um aspecto estritamente individual. Ela se ancora em algum tipo de relação: pessoal com Deus (a sensação de sua presença); com pessoas com quem se partilham afetos e sentimentos; com entes queridos, como referência de memória. Essa ligação é tão forte que uma aluna atea afirma: *O que mais me traz poder é o meu pai.*

Com frequência se reconhece que a relação com o outro passa pela mediação da cultura e suas mídias. Há várias menções a computadores (conhecimento, comunicação), ao Kindle, a uma calculadora HP. Um aluno ateu atesta, curiosamente, sobre seu amuleto: *É meu rádio, deus mora nele.* Na mesma direção, um protestante afirma que seu objeto poderoso é o cinema: *Representa em minha vida uma identificação com o desenvolvimento do imaginário. Para mim, sua magia vale mais que muita coisa. Assistir a Psicose de Hitchcock despertou algo em mim, não sei bem por quê.* Talvez devido a sua tamanha intimidade e proximidade com a atual geração jovem, não foi feita nenhuma menção ao celular.

- **Social:** a educação e a religião são outros dois condicionantes: do indivíduo e seus amuletos; dos significados atribuídos. Estando os sujeitos inseridos no ambiente universitário (fato que representa para eles uma das principais conquistas de suas vidas), a universidade, em si, é apontada como *objeto poderoso*, por sua capacidade de moldar as mentalidades e de propiciar a inserção no mundo. Como atesta um universitário ateu: *Pessoas que têm acesso à educação se sobressaem e possuem poder dentro da sociedade, o qual pode ser utilizado para manipular ou para transformar as relações sociais, ajudar.*

Embora com menos intensidade, a religião também tem forte influência. Como atestam estudantes de crença afro-brasileira, *velas, terços e outros me ajudam a ter fé em minha religião*, e judaica, *medalhas de minha religião me fazem sentir melhor e mais próxima de minhas crenças.*

- **Racionalidade:** relativa à herança cultural e ao nível universitário de escolaridade, deriva uma abordagem racional capaz de perceber a complexidade dos elementos que intervêm na construção da vida e da sociedade. Por isso, os sujeitos abordam com cautela seus amuletos, afastando-se de uma visão mágica e relativizando o poder deles, como vimos acima. Para além de seu *valor de face*, cada objeto é o entroncamento de múltiplas simbologias que o inserem no horizonte humano.

Uma das manifestações dessa condição é o ecumenismo, pelo qual os estudantes atribuem, com desenvoltura, uma *sacralidade* a objetos aparentemente profanos ou incorporam em seu repertório materiais diversos, provenientes de religiões diferentes daquela de sua origem. Conforme se pode verificar nas listas acima, nossos sujeitos apresentam alto grau de erudição religiosa e capacidade de manejo simbólico. Exemplo dessa lógica é quando um agnóstico acende incenso *desde que o ambiente propicie*, um judeu carrega um terço e amuletos japoneses, um islâmico diz não possuir nenhum objeto de poder, *mas gostaria.*

- **Adversativa:** uma conjunção adversativa configura a lógica pela qual a uma afirmação se segue imediatamente uma restrição. *Mas* é a palavra mais frequente em todos os comentários. Sua presença revela a negação de um poder mágico, literal, inerente ao objeto; ao mesmo tempo, afirma o poder de Deus (da Bíblia, da fé) e também de si mesmo (o próprio corpo, cérebro, a alma de cada um, mediunidade, tendência mística, energias, pressentimentos, experiências vividas, lembranças, aprendizados, amores). Muitos sujeitos dizem que não possuem esse tipo de objetos, *mas* que eventualmente fazem uso deles ou

que praticam rituais relativos a eles. O uso desses materiais é um segredo pessoal, ou é apontado como inexplicável, ou alvo de reservas (têm valor apenas simbólico, ou decorativo ou sentimental; o significado é que importa, serve para proteção) ou perderam intensidade com o tempo, tornando-se pouco importantes, guardados numa vaga lembrança.

Um aluno kardecista atesta: *Não diria que o objeto tem poder, mas tem uma energia boa para você, que te dá força.* Mesma ressalva de uma aluna evangélica: *Possuo a Bíblia sagrada, não penso nela como amuleto, mas sim como a voz de Deus mesmo, falando diretamente comigo.* Um universitário que segue uma crença pessoal revela: *Tenho um amuleto de São José. Sua importância não se dá pelo santo, mas sim pela fase da vida e a forma como o ganhei.*

Como se pode ver, esses objetos aparentemente singelos encontram-se imersos na história, na cultura e no cotidiano pessoal dos sujeitos. Eles fornecem um retrato complexo, repleto de nuances, acerca da religiosidade desenvolvida por esse segmento.

Conclusão.

Considero que os resultados obtidos a partir dos comentários dos sujeitos e do experimento dos *objetos poderosos* fornecidos pelas quatro versões de nossa pesquisa contribui para uma compreensão abrangente dos modos como a juventude universitária compreende o mundo e se nele insere. Como exerce sua religiosidade, em suma.

Nossos sujeitos relatam que a participação na pesquisa os fez experimentar uma sensação de *misteriosidade* de suas existências, a qual os leva tanto a reconhecerem-se impotentes como a cultivar e valorizar as próprias energias. Rompendo com o solipsismo, eles se revelam inseridos na cultura secular da Modernidade. Esta valoriza a razão, própria da tradição universitária, que também reconhece espaço para a crença, embora leve os sujeitos a questionar com naturalidade a própria fé e mesmo a atuação das igrejas concretas. As religiões são respeitadas, mas ao mesmo tempo criticadas por eventuais atitudes de dogmatismo e o fanatismo. Nesse espaço cultural se pratica a tolerância e a autonomia.

Com respeito à autonomia, as vivências subjetivas são consideradas fundamentais. Dentre elas, uma das mais profundas é a fé, que aponta para o mistério da vida e da morte;

um valor central, apontado pelos sujeitos, é cada um ser responsável pela própria existência.

A referência aos *objetos poderosos*, no âmbito da sala e do próprio questionário, mostra grande quantidade de itens e sua capacidade de ancorar relações interpessoais e de representar a expansão do indivíduo em direção a âmbitos mais amplos da existência. Os manejos de tais objetos e os significados a eles atribuídos revelam uma profunda referência, mais do que a crenças ou conceitos formais, a experiências de energia e proteção em que a religiosidade é vivenciada como bem-estar, harmonia, gratuidade e alteridade. Nesse contexto ecumênico, borram-se as fronteiras entre sagrado e profano, entre a minha religião e a alheia. Celebra-se uma fé enquanto atitude individual e também interpessoal. A subjetividade não dispensa, ao contrário, ancora-se em âmbitos sociais, como a família, a religião e, neste momento de suas vidas, o ambiente universitário. A preponderância da presença, nos depoimentos, da adversativa, *mas* revela uma cautela no uso dos amuletos, e o afastamento da visão mágica.

A análise de dois aspectos que remetem ao *miúdo da existência* de nossos sujeitos pretendeu somar-se a interpretações já publicadas e em vias de sê-lo. Pretendeu-se, assim, atingir o objetivo geral de nosso projeto de pesquisa, qual seja, a tentativa de decifrar o enigma juvenil e aproveitar sua fecundidade para compreender, e enfrentar, dos desafios atuais em que a humanidade se debate.

Referências bibliográficas

HERVIEU-LÉGER, D. et WILLAIME, J-P. *Sociologies et religion – Approches classiques*. Paris: PUF, 2001.

RIBEIRO, J. C. *Religiosidade Jovem – Pesquisa entre universitários*. São Paulo: Olho d'Água / Loyola. 2009.

_____. Significados e Valores na Religiosidade de Universitários. *In Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 78, n. 311 (2018) pp. 536-547.

SIMMEL, G. *Religião – Ensaio*. V. 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

_____. *Religião – Ensaio*. V. 2/2. São Paulo: Olho d'Água, 2011.

VANDENBERGHE, F. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru: Edusc, 2005.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: 34, 2000.